

OK

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: GILDO WILADINO

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI MARINHO E MANOEL L. OLIVEIRA

DATA: 03.03.90

INÍCIO:

ENTREV.: HOJE, BRASÍLIA 3 DE MARÇO DE 1990, ESTAMOS AQUI COM O PROFESSOR GILDO WILADINO, EU, WANDA COZETTI MARINHO, MANOEL LUIZ PARA ENTREVISTÁ-LO, PARA OUVIR O DEPOIMENTO DELE, PELO PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL. PROFESSOR GILDO, O SENHOR PODERIA NOS DAR O SEU NOME COMPLETO, POR FAVOR?

RESP. : Gildo Wiladino.

ENTREV.: ALGUNS DADOS DE PARENTESCOS QUE FORAM IMPORTANTES PARA O SENHOR: PAIS, OS PAIS SÃO IMPORTANTES, NÃO SÃO?

RESP. : É! são pais mortos: Altermínio Wiladino e Alzira Wiladino.

ENTREV.: E NO MOMENTO, O SENHOR TRABALHA AONDE? AQUI?

RESP. : É! No Ministério da Educação e sou professor do CEUB.

ENTREV.: DO CEUB? EM QUE DISCIPLINA?

RESP. : É! História. E faço parte do Conselho de Educação do Distrito Federal.

ENTREV.: PROFESSOR, NÓS GOSTARÍAMOS AGORA DE FAZER UM RETROSPECTO : QUANDO VEIO PARA BRASÍLIA E QUE MOTIVOU A SUA VINDA PARA BRASÍLIA?

RESP. : Eu vim para Brasília em Abril de 1960, porque a comissão de administração do sistema educacional de Brasília - CASEB, promoveu um concurso, que foi chamado: Nacional, foi realizado, talvez, em seis, sete capitais e uma delas foi Porto Alegre. E a motivação por Brasília, era conhecer o que estava sendo feito aqui no Planalto Central, o que sairia da capital, que eu estudava desde do tempo universitário e também uma... bom, havia um nível de remuneração bastante adequado para a época e finalmente eu saí com bastante tranquilidade, porque eu era servidor público e se

viesse para cá, viria requisitado, porque naquela época, as requisições para Brasília eram todas elas deferidas. 3

ENTREV.: GENTE TRABALHADORA AQUI, INCLUSIVE; TRABALHA  
VA NO SERVIÇO PÚBLICO EM QUE?

RESP.: Eu era estatístico do IBGE.

ENTREV.: IBGE. QUAL A SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL PROFESSOR? ESTUDOU ONDE ?

RESP.: Estudei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fiz o curso de história e geografia e mais tarde aqui em Brasília, eu fiz doutorado de história medieval... (ENTREV.: NA UNB?) - ...na UnB, em 69. E, além disso, profissionalmente, sou estatístico provisionado. (ENTREV.: O QUE É ISSO: PROVISIONADO?) - Bem, quando anos atrás não havia algumas funções de nível superior com formação acadêmica, como é o caso de técnico de nível superior de ciências contábeis e é o caso do estatístico, aqueles que não tinham aprovação acadêmica, f o r s u b m e t i d o s a concursos e esse concurso lhes permitiu a passagem para nível superior naquele campo.

ENTREV.: NÓS ESTÁVAMOS VENDO? E ENQUANTO ISSO EU ME PERDI. (GILDO : Eu acho que era a experiência do magistério .) - A EXPERIÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL. BOM E A VINDA PARA CÁ, O CONCURSO, COMO FOI, O QUE QUE VOCÊ VIU, E COMO QUE VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR? DESCULPE, EU JÁ PASSEI A TRATÁ-LO POR VOCÊ, MAS O "SENHOR", TAMBÉM É MEIO ARCAICO.

RESP.: É! não dá, não dá. Bem, houve até uma circunstância curiosa, porque era véspera d'eu viajar para a praia, quando me informaram que havia inscrição, fiz inscrição, ao menos no Rio Grande do Sul não havia programa especificado para a prova, tempos depois houve a convocação para essas provas, era uma prova de múltipla escolha simples, principalmente sobre, principalmente não, essencialmente sobre educação e cultura geral e mais tarde uma entrevista.

ENTREV.: PROFESSORES DE LÁ MESMO OU SE DESLOCARAM PROFESSORES DE BRASÍLIA PARA ISSO? FOI FEITO POR UMA BANCA DE LÁ MESMO?

RESP. : Não! naquela época a entrevista era com psicólogos e as provas foram remetidas pelo MEC, onde foi realizado, para as delegacias de... das inspetorias de ensino secundário da época. Então, chegaram pacotes nos Estados e as pessoas prestaram prova, voltou para a correção central, que é o que me parece e depois, os que foram considerados satisfatórios nesse primeiro momento, foram chamados para a entrevista.

ENTREV.: E O SENHOR VEIO PARA BRASÍLIA QUANDO?

RESP. : 8 de abril de 60.

ENTREV.: BOM, AGORA PODÍAMOS NARRAR A SUA CHEGADA, EXPERIÊNCIA, O QUE SENTIU COM RELAÇÃO A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA E QUAL FOI A SUA ATUAÇÃO.

RESP.: Bem, a chegada em Brasília foi uma coisa bastante curiosa, porque acompanhando fotos e documentos, eu imaginava que a cidade estivesse, em vários pontos, muito mais crua ainda, muito mais despejada, porque o projeto escolhido, que foi o do Lúcio Costa, foi um projeto escolhido politicamente. Havia um bom número de projetos, agora, t a l v e z o do Lúcio Costa para o meu gosto, era o menos relevante de que os cinco, seis outros. Mas a decisão da comissão organizadora da nova capital, foi no sentido do Lúcio Costa implantar logo uma capital inteira. Montou logo os dois eixos, tornou uma coisa meio irreversível. O projeto do Jorge Willian, o que agora é secretário de Estado de São Paulo, era um projeto modulado, começava perto do Palácio da Alvorada, atual, ia formando grandes hexágonos e octógonos, cada um, quase, como uma mini cidade pronta. Então, a concepção de Willian, era que a cidade iria crescendo moduladamente. O projeto do Lúcio Costa, muito mais ambicioso, se revelou muito positivo para o futuro, para a época, eu achei uma loucura. Logo havia 13 quilômetros de eixo rodoviário, eixo monumental, esplanada dos ministérios... (ENTREV.: É! ERA UMA PROPOSTA LOUCA MESMO, NÃO É?) - ...É! instalou tudo. E o Niemeyer fez o... teve assim, a oportunidade de delirar, porque, assim, o Nie -

meyer não tinha vivências da burocracia brasileira. Então, por exemplo, todos os ministérios começaram por tamanho igual. Não interessavam-se que número de funcionários fossem terrivelmente elevados ou que fossem pouquinhos funcionários. A própria colocação geográfica desses prédios. À tarde os prédios dos ministérios fica todo um lado recebendo sol intenso. Mas havia, havia que ele disse assim : não está se construindo uma capital, está se construindo uma grande maquete. . E muito boa coisa também. Isso, sobre a cidade, porque naquela época havia muito barro e muita poeira, mas o principal assim, profissionalmente foi conhecer a proposta que havia em educação, que dava uma liberdade bastante grande para os professores, porque antes havia, havia até aquela época, programas mínimos de cada disciplina, a seguir, mais ou menos, rigidamente com inspetores federais olhando a pautinha do professor, etc. Então, aqui os professores tiveram bastante mais liberdade de atuação e por outro lado, eu estava numa situação confortável, porque na hora que eu me aborcesse eu podia para voltar para Porto Alegre. Então, a tranquilidade de ter uma pata de fuga sempre pronta, permitiu levar bem o primeiro ano. No final do primeiro ano eu já gostava daqui, aí eu radiquei mesmo, foi em 61, resolvi ficar em Brasília.

ENTREV.: E O PROBLEMA DA CASA, COMO É QUE FICOU INCLUSIVE COM VOCÊ?

RESP. : Os professores foram instalados na atual 411, apartamentos chamados: JK. Os solteiros viviam assim, 2 juntos, os casais independentes do número de filhos, tinham um apartamento... (ENTREV.: VOCÊ VEIO SOLTEIRO OU VEIO COM A FAMÍLIA?) - ...vim casado com duas filhas. (ENTREV.: PEQUENAS?) - Crianças pequenas. E assim se passou o ano de 60 com alguns problemas. O pessoal de vários Estados, inclusive o Rio Grande do Sul, não recebeu promessas de habitação. O pessoal que fez as provas no Rio, foi o grupo maior que veio, recebeu toda uma propaganda institucional: planta

baixa de apartamento de três quartos, uma coisa belíssima. Então, o pessoal do Rio ficou muito, justamente, frustrado por não haver isso. Tanto os professores, quanto os médicos pegaram dessas extremamente modestas. E no mesmo ano de 60, surgiram reivindicações bastante acentuadas e em 1961, maio, foram entregues aos professores casas da Caixa Econômica na W3, na atual 708.

ENTREV.: PARA ISSO QUE HAVIAM FEITO A REIVINDICAÇÃO? ESSA REIVINDICAÇÃO RESULTOU NUMA GREVE, PARARAM OU NÃO CHEGOU A ISSO?

RESP.: Houve greve. Foi lá por setembro de 60. De fato, as condições de conforto para quem tinha recebido promessas eram mínimas. Para quem não havia recebido promessa alguma, aquela expectativa em Porto Alegre que a gente ia ficar em barracão, atrás dos (INCOMPLETO) ... (ENTREV.: AH! NÃO FIZERAM A MESMA PROPAGANDA NO RIO GRANDE DO SUL?) - ...não! pelo que eu sei, o Ministério da Educação tinha uma sala com maquete, chamou seus funcionários, mostrou para os candidatos a concurso para transferência para cá. E no Rio Grande do sul, eu acredito, mesmo o pessoal (INCOMPLETO) não tinha a menor idéia de como era que era. O pessoal que tinha vinculação com a delegacia de ensino de lá, o pessoal que não conhecia Brasília, não foram capazes de responder nenhuma pergunta. Então, a habitação se resolve lá.

ENTREV.: FOI MAIS PRÁTICO, NÃO É? NÃO DEIXOU ESPECTATIVA, NÃO É? NÃO CRIOU ESPECTATIVA. E QUEM ERA A DIREÇÃO DA ESCOLA NISSA ÉPOCA?

RESP.: Não criou expectativa alguma. Bom, o sistema tinha como elemento principal, o professor Armando Hildebrand. Tinha uma equipe que o apoiava e simultaneamente foi implantado pela CASEB também o ensino primário. O ensino primário, obviamente, foram aproveitados professores, as professoras que já estavam lecionando aqui... (ENTREV.: PELA NOVACAP?) - ...pela NOVACAP! e eu acompanhei mais a parte de ensino médio. E a equipe da CASEB escolheu para diretor do Centro de Ensino Médio, mais conhecido por todos como CASEB, na 909, o professor S á b e r Abreu, que já tinha experiên

cia docente bastante grande e tinha lecionado no colégio " Nova Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas e vários professores apreciaram a escolha de um colega para ser diretor.

ENTREV.: FALA-SE MUITO NAS EXPERIÊNCIAS DOS PROFESSORES DE NOVA FRIBURGO, MAS EU AINDA NÃO SENTI NO QUE ELA CONSISTIA, VOCÊ TEM UMA IDÉIA? ELA CHEGOU A SER SENTIDA, IMPLANTADA?

RESP. : Não: nós percebemos aqui, chegamos juntos, os professores da Nova Friburgo. Agora, o Colégio de Nova Friburgo, era um colégio com uma situação privilegiada, com alunos de elite, professores, então, bem pagos, boas condições de trabalho, em matéria de prédio, instalações e equipamentos e era um colégio com um nome nacional, mas eu nunca vivi aspectos peculiares de sua atividade. Digamos, assim: o Colégio Nova Friburgo, naquela época tinha fama nacional de colégio de elite mesmo, colégio de qualidade; depois foi desativado, eu nunca cheguei, pessoalmente, a conhecê-lo.

ENTREV.: E TAMBÉM NÃO CHEGOU A SENTIR ISSO IMPLANTADO AQUI, PORQUE SE FALA ... QUER DIZER, ACHO QUE A PROPOSTA DE DIREÇÃO COLEGIADA, A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DO CEMEB, FEITA PELO ANÍSIO, ACHO QUE SUPERAVA QUALQUER OUTRA EXPERIÊNCIA, NÃO É? OU NÃO ERA?

RESP. : Bom, não é bem assim, porque na realidade a coisa mais triste, não há proposta do Anísio para Brasília; nenhuma proposta. Eu vasculhei anos. O Canhedo fez foi aprovar e retocar, dentro de uma idéia geral que ele passou para frente, o plano de construção escolares e distribuição espacial das escolas mais o tempo integral, dentro das idéias da escola nova que ele tinha começado há mais de 30 anos. E até... Brasília tem muita coisa que dá certo e tem muita coisa que é alucinante. Como foram arquitetos diferentes, ninguém conferiu contas. Então, as escolas classe são o exemplo assim, estupendo. O arquiteto que projetou a escola classe, projetou a escola classe em que há terreno em todas as super quadras para 2 turnos, porque o arquiteto soube que era turno integral. Então, ele imaginou: O aluno vai de manhã, o aluno vai de tarde. Então, na realidade, as escolas classe, tinham o dom-

bro da capacidade necessária. (ENTREV.: ÀQUELA ÉPOCA!) - Até hoje! (ENTREV.: ATÉ HOJE?) - Se olhar o mapa da Asa Sul, que é onde tem mais escolas classe, onde tem duas, quatro contíguas com escola classe, em qualquer das épocas, as duas ficavam sub-aproveitadas.

ENTREV.: ENTÃO, COMO SE EXPLICA ESSA FALTA DE SALAS? AH! MAS ESPAÇO FO  
RA OU DE SALAS?

RESP. : Não! na Asa sul, no Plano Piloto não há falta de salas. No Plano Piloto há excesso de salas; há uma sobra de 40 salas de aula ao todo. Só no CASEB, 20 salas são desviadas para outras funções. (ENTREV.: É VERDADE! PELA PARTE BUROCRÁTICA QUE FUNCIONA LÁ.) - Não é só parte burocrática, não é só a regional que está com serviço médico, serviço pessoal, está cheio de coisas lá, no CASEB. havia convênio com... o prédio não era ocupado (TOSSE). A escola classe da 106 sul, foi desativada para instalar um outro serviço burocrático e ninguém sentiu falta desse prédio. Volta e meia, uma ou outra escola é desativada provisoriamente, em purrao aluno na escola vizinha. A Asa sul não tem problema de sala de aula. E depois, a planta da escola não previa... é um projeto pedagógico, arquitetônico pedagógico bastante ruinzinho, ele não previa uma série de dependências neces-sárias. Então, como havia espaço, quase todas as escolas classe montaram uma sala de leitura, uma mini biblioteca, etc. Isso tudo é desvio de sala. No caso, um desvio positivo; a escola não sofre quando tem mais espaço, é até muito bom, mas muitas escolas aproveitaram salas para outras coisas. E no Distrito Federal, o maior volume de desvio de sala é transformar sala de aula e banheiro em depósito de sucata. (ENTREV.: ISSO É VERDADE.) - E mais banheiro, que é uma instalação muito cara para construir e um vaso estraga, daqui a uns dias eles vão no banheiro e começam a botar a quele material que a escola não sabe como tomar, como abater, como mandar embora e vai empilhando.

ENTREV.: ALIÁS, ISSO É UMA COISA TERRÍVEL, NÃO É? O NÃO CONHECIMENTO DAS PESSOAS, O QUE SE FAZER COM AQUILO.

RESP. : Sim e não, porque nos projetos de construção escolar, em geral, falta um diálogo entre profissionais da educação e os arquitetos. É mais importante, falta depois um acompanhamento do uso daquelas instalações, para aproveitar experiência passada e corrigir os erros eventuais. Então, as nossas escolas, até hoje, não tem esse tipo de tratamento de cuidado.

ENTREV.: EU NÃO SEI SE... EU FUI ENCONTRAR NA ÁFRICA ESSA PREOCUPAÇÃO, PELO MENOS, DE UM PEDAGOGO ACOMPANHAR O ARQUITETO, PELA POSIÇÃO DO SOL, POSIÇÃO DO QUADRO NEGRO, A CLARIDADE, ESSAS COISAS TODAS. EU REALMENTE, NUNCA VI ESSA PREOCUPAÇÃO NO BRASIL, EM LUGAR NENHUM E EM TEMPO ALGUM. NÃO SEI SE EU ESTOU POR FORA, NÃO SEI SE EU ESTOU POR FORA OU JÁ EXISTE.

RESP. : Não! não! até para não criticar os arquitetos com muita severidade, porque eu acho que eles não têm culpa... (ENTREV.: EU TAMBÉM ACHO QUE NÃO.) - ...na verdade, eles só estão ... em geral, problema, problema de insolação e problema de ... insolação, no sentido de ângulo, de batida do sol e de posição do quadro-negro, em geral não tem problema; o principal problema é o partido da escola; o que que a escola tem que ter? tem que ter: biblioteca, tem que ter uma sala de orientação educacional, tem que ter um decisor que examine uma proposta pedagógica e arquitetônica ao mesmo tempo. Um exemplo assim, de mau prédio, que estava em construção na aquela época e levou tempo para acabar, foi o Elefante Branco, um nome merecido, é um elefante branco mesmo, que é um prédio delirante. Ele tem 108 metros num sentido mais longo, 49... aliás, 70 metros de largura, mais de duas rampas com largura de 24 metros e está levantado sobre 49 pilotis, com fundações gigantescas. (ENTREV.: GIGANTESCAS.) - E a laje, incluída o intervalo entre lajes, é de 65 cm. A não ser as bombas arrasa-quarteirão da II Guerra Mundial, as bombas até 1940 não conseguem furar aquela laje (RISOS). (ENTREV.: MAS VEM AÍ A TERCEIRA GUERRA!) - Aí resolve o problema. (INCOMPLETO) mundo não liquida aquela laje. E ninguém pensou, por exemplo, quando fizeram o projeto, que cor

ria encanamento lá. (ENTREV.: NISSO, O COLÉGIO T E M SIDO UTILIZADO?) - Bem, veja só, para sala de aula, para sala aula normal (I N C O M P L E T O) corredor inteiro, um quarto do prédio está sendo usado pelo centro de línguas para a escola do 2º grau, perdeu mais de um quarto do seu uso original, inclusive isolado fisicamente. E no turno da tarde, por exemplo, a ociosidade é muito grande. Ele lota à noite, acredito que lote de manhã e à tarde a frequência é muito baixa.

ENTREV.: VAMOS VOLTAR A SUA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DO CASEB. QUANTO TEMPO VOCÊ FICOU AINDA NO CASEB?

RESP.: Eu fiquei no CASEB até o começo de 61; começo de 61 houve uma mudança administrativa bastante grande, o professor Hildebrand foi chamado para assumir o cargo de diretor do ensino industrial no MEC e houve um rápido rodízio de funções e para mim me entregaram o Elefante Branco para ser diretor.

ENTREV.: FOI QUANDO VOCÊ PASSOU A SER DIRETOR DO ELEFANTE BRANCO, FOI 61?

RESP.: Primeiro diretor da escola. (ENTREV.: PRIMEIRO DIRETOR DA ESCOLA.) - E muito moço, eu tinha 27 anos na época.

ENTREV.: E COMO FOI, ENTÃO, A IMPLANTAÇÃO? AÍ FOI A IMPLANTAÇÃO DO ELEFANTE BRANCO, ESCOLHA DE PROFESSORES, QUANDO COMEÇOU ISSO?

RESP.: Não! aí a... não! a coisa foi muito amadurecida. Desde junho de 60, foi montado um grupo, em que várias vezes participaram todos os professores, mas tinha uma comissão que fazia reuniões à noite, dos coordenadores de disciplina. Eu era coordenador de ciências sociais. Então, se discutiu como ia funcionar essa escola. Aí se teve uma concepção de regimento interno e de funcionamento. Aí é que surgiu a direção colegiada, porque essa não havia no colégio da CASEB, no ano anterior. Então, o Elefante foi o trabalho que o próprio Hildebrand se empenhou, Adalberto Sena, Leobons, Aparício, o pessoal da CASEB todo e

mais os professores e que a gente discutiu muito-muito longamente. É uma lástima, mas eu não consegui guardar o regimento inicial do Elefante Branco. (ENTREV.: NÃO EXISTE?) - Foi feito, foi aprovado, mas eu não tenho e na escola eu não achei. (ENTREV.: REGIMENTO INTERNO? PRIMEIRO REGIMENTO INTERNO?) - Tenho até interesse por ele, muito grande.

ENTREV.: NÃO HÁ NENHUMA CÓPIA COM NINGUÉM? SERÁ QUE A GENTE NÃO DESCOBRE AGORA COMO?

RESP. : Não localizei, não descobri. E então, quando eu assumi a direção do Elefante Branco, já estava praticamente definido o corpo de professores e os que iam chefiar departamento lá; passamos a ter departamento. E então, a montagem de equipe foi muito fácil, foi uma transição normal: eu integrava o grupo, só fui deslocado da coordenação para a direção da escola. E Hildebrand, inclusive, disse que se eu tivesse alguma restrição com alguém, etc, eu teria liberdade, mas não interessava mexer em ninguém, o pessoal todo era muito bom e muito empenhado. E começamos a trabalhar com mais de um terço da escola ainda em obras, um barulho terrível. E aí, uma das coisas que eu consegui foi abrir curso noturno, que por sinal teve uma matrícula muito superior a do diurno.

ENTREV.: QUAL A POPULAÇÃO ESCOLAR NAQUELA ÉPOCA, O PROFESSOR SE LEMBRA, QUANTOS ALUNOS HAVIAM?

RESP. : Não! agora, eu posso garantir que no DEPLAN se tem os dados. Toda matrícula ano-a-ano, do antigo primário, do antigo médio e depois do primeiro grau o segundo grau, de 60 até agora, de 59, poucos dados. (ENTREV.: ISSO, A GENTE VAI ENCONTRAR NO DEPLAN?) - É! é até uma publicação séries históricas. O dos particulares só começou a ser publicada em 69. Então, para atrás, não se tem praticamente números da rede particular, mesmo que a inspeção era federal. Agora, o Elefante Branco começou perto de mil e setessentos alunos, nos quais os... arriscando sem memória, uns mil e duzentos à noite e uns quinhentos durante o dia.

ENTREV.: O QUE FAZIA PARA DOMINAR MAIS A FAIXA DE TRABALHADORES OU NÃO?

RESP.: Não! porque Brasília tem uma peculiaridade que agora está diminuindo, mas ainda é muito forte. Brasília tem um fenômeno atípico, em relação a qualquer outra cidade brasileira. Cidades brasileiras, em dia de semana, pelas sete e meia acaba o trânsito, o trânsito pesado. Aqui em Brasília pelas sete acaba o trânsito pesado de saída do serviço, aí as avenidas ficam vazias. Sete e quinze, começa o movimento do pessoal indo para a escola, professores e alunos. Então, são ordas de veículos. Quem está de fora de Brasília, não consegue entender, como é que por um bar está tudo quieto, de repente: carro de tudo quanto é lado. Por volta das oito, parou o movimento, não tem carro e quando chega dez e meia às onze, uma outra orda de movimento. (ENTREV.: INTERESSANTE ESSA OBSERVAÇÃO.) - Aqui nós devemos ter perto de cem mil alunos à noite, juntando todos os graus de modalidades de ensino. Hoje em dia não tenho os números, mas não deve estar muito mais baixo de sessenta mil; é muito (INCOMPLETO). É um problema e eu acredito, ser problema de psicologia social, de acreditar, primeiro lugar, acreditar que educação auxilia a promoção social. Se acredita muito nisso. A demanda por escola é muito alta. Esse fenômeno de demanda, no nível de Brasília, não há em nenhuma parte do país. Até mesmo, por exemplo, Rio Grande do sul, que é meu Estado natal, a grande reivindicação quando era criança, era garantir o primário dos filhos. Depois passou para o ginásio. No segundo grau, superior, levou tempo para haver aspiração. Aqui em Brasília, não. A grande aspiração por educação e ainda mais que o serviço público começava ter reivindicações de escolaridade, induzido pelo segundo ponto; e um terceiro ponto, é o pessoal não ter o que fazer de noite. Era uma cidade que naquela época tinha... (ENTREV.: DOIS CINEMAS.) - ...dois cinemas, só e mais nada; não tinha ponto de encontro muito pouco barzinho, então o que fazer a noite? então, o pessoal foi estudar. Um dos alunos que eu tive no Elefante Branco, bem

no começo de 61, até aluno meu, que eu dava aula de estatística, era gerente do Banco do Brasil. De uma agência, da agência da W3. Ele não tinha acabado o curso de contabilidade, acabou. Depois fez curso de direito, hoje em dia é procurador. E o curioso, que ele já era avô, outro filho dele que estudava durante o dia, tinha casado muito jovem e já tinha filho. Então, eu dava aula para um avô e durante o dia dava a um pai assistindo aula. É um caso raro, mas havia casos de pessoas de idade que retomaram o estudo, tanto que eu lecionei em Brasília à noite todos esses 30 anos letivos, estamos iniciando o 31º ano letivo e a faixa etária dos alunos do noturno, cada vez está baixando mais. Uma coisa que não se via antes, que era o primeiro ano de faculdade... (ENTREV.: SUPLETIVO TAMBÉM.) - ...mas para pegar problema assim, de universidade, não se via há alguns anos atrás, 69, 70, um aluno do noturno do CEUB com menos de 25 anos de idade. Não se enxergava aquele que chama de pirralho, etc; todo mundo com 23, 22. Hoje em dia, uma aula do noturno do CEUB, apanha até aluno menor de idade p e n a l , com 17 anos de idade.

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA I, REFERENTE A ENTREVISTA COM O PROFESSOR GILDO WILLADINO.

.BSB / 08.06.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES

(QNN 40 CJ F CS 01 CEILÂNDIA/DF. - TEL. 376 4167 "RECADO")